

2ª DP
25



Título- AS RUINAS

ASSUNTO- (Drama Histórico dos Sete Povos das Missões)

Autor- Henrique Grazziotin Gazzana

A large, stylized handwritten signature in blue ink. A circular stamp is partially visible behind the signature, with some text like "D.C.F.P." and "1950" visible.

T E R R A

- Quem vem lá? Quem vem lá
profanar minha ondulante pradaria
Estrelas, gritos de dor cristalizados
pelo infinito vazio desta celeste cobertura,
testemunhas dos dolorosos massacres
daqueles dias em que a insegurança e o ódio
arrancaram-me do dorso
a melhor comunidade que em mim germinou.
Ah, estrelas, vento irmão,
afastai o novo intruso.



R U Í N A S

- Um momento, vos pedimos
calmo leito sobre o qual
repousamos há tanto tempo,
fecunda terra que manteve e tornou fortes
nossos bravos construtores.
Amiga terra, berço e sepultura,
nós, ruínas desgastadas, estaremos
dentro em breve confundidas
com o lodo em vosso ventre.
Mas antes, porém, atendei!
Permití que estes estranhos
que voltam a passear aqui,
sem a mesma graça, é claro,
dos antigos Guaranís,
saibam o que foi feito àquele povo tão belo.
Que os estranhos aqui presentes,
pelos motivos mais diversos,
do mais leviano ao mais penetrante,
dividam conosco a mágoa universal
de ter assistido a um massacre
no qual o inimigo colonialista,
por cobiça, raiva e inveja moralista,
matou com tiro e faca o legítimo habitante destes
campos,
os braços construtores desta igreja.
Libertai, serena terra,
o espírito de um povo
cuja história épica encerra
verdades que servem de novo.
Os estranhos ora atentos,
com seus olhos assustados,
podem ser talvez isentos
da culpa dos crimes aqui consumados.
Mas já que vieram aqui,
deven ouvir nos ventos
a verdade que encerrais



como foram arrasados
vossos filhos, nossos pais,
os tranqüilos Guaranis.



T E R R A

Palpite em mim o casamento ensanguentado
de dois reinos da península européia:
Espanha, amante da beleza e da aventura,
mas tão cruel em suas guerras e conquistas,
e Portugal, dono de vasto território aquele tempo,
mas pouco hábil para mantê-lo a seu contento,
conceberam num tratado o triste intento
de trocarem entre si as Missões e Sacramento.
Ordenaram aos Guaranis e Jesuítas
que migrassem com o sol para além do Rio Uruguai.
E ante a recusa de meus filhos de abandonarem minhas colinas
consumaram em algazarra sanguinária suas bodas assassinas.

R U Í N A S

- Não assim! Oh, terra dolorosa de meus pais
sejamos também mais brandas com os estranhos.
Não assim!, pois em nossas palavras está rugindo
o tigre da vingança contra um passado de maldade.
Devemos tomar cuidado, Terra, com este felino
que num bote traiçoeiro pode trair a verdade.

T E R R A

- Pedistes para contar-lhes, não foi isso?
Para fazê-los sentir o sofrimento que ainda tenho.
Devo ser branda no relato da minha própria desventura?
Acaso a mágoa de ter visto destruída a própria cria
não deixa doido o mais plácido e cego o mais consciente?
De que outra forma quereis que eu me torne agora ouvido?

R U Í N A S

- Compartilho convosco este noturno desespero,
pois estamos demais ligadas a tudo que aqui foi feito,
e já temos a sentença do julgamento da História.
Nós, Ruínas, e vós, Terra, vinhos brotar uma flor
incomum e solitária na primavera humana.
Parimos e acalentamos a nação dos Guaranis.
Sentimos o cheiro acre de sua luta cotidiana,
em que os homens eram irmãos prá colher e moer o trigo.
Aspiramos o perfume de um milhão de pães
na hora das refeições igualmente divididos.
Amiga Terra, por aquelas mãos reunida e trabalhada
e aconchegada de novo, em adobes empilhada,
e ergueram moradias, prá manter agasalhado
o fogo de suas vidas, de seus sonhos e repousos.
Nós fomos assim de vós refeitas e recriadas.

Sobre vós corria, um estrondosalarido,
o gado numeroso, por eles naturalmente criado.

Cavalgavam sobre vós, corpo a corpo em seus cavalos,
com seus gritos estridentes nos dias de festa e trabalho



E dentro em mim cantavam de tal forma melodiosa,
que encontravam novos tons em nossa terrestre harmonia.

Eram de terra seus corpos, sem desejarem diferentes,
de água seus sonhos cantando líquidas elegias,
de ar a formosura de suas vestes do dia a dia,
e a vontade de viver e seus amores, como o fogo eram
ardentes.

Sejamos, portanto, terra amiga, apenas palco novamente.
Que os estranhos nesta noite, vindos para nos ver,
participem do drama antigo que os fez morrer.

T E R R A

- Começo a compreender as vossas intenções.
Quereis de novo a cochilha de Santa Tecla
assaltada por legiões unidas de Espanha e Portugal.
O fluir mortífero daqueles dias de 1756.
O golpe fatal desferido contra o povo Guarani,
na batalha de Caibatê.
A vitória dos bandidos.
A morte do Índio Sepê.

R U Í N A S

- É isso o que quero, e vos digo
que, para melhor apresentar esse passado amortecido
ao estranho que a escutar estiver nos assistindo,
é melhor deixar falar os homens daquele tempo.
Invocai-os que eles jazem, dentro de vós, adormecidos.
Chamai-os à tona, que venham, todos aqui reunidos.

T E R R A

- Deveis compreender o coração humano,
pois por ele fostes construídas.
Quanto a mim, sou mãe e sempre primitiva matéria prima.
Sei da substância, do interior do universo.
Já tenho tudo dito em montanhas e planícies.
Prá falar a seres vivos há que ser mestre em superfície.

R U Í N A S

- Invocai aqueles homens.

T E R R A

- Infinita alga espiralada da História
erosão interminável que em mim tudo converte,
eu apelo a vossa volta neste momento
Amantes do movimento natural,
homens francos de pele avermelhada,
vozes sonâmbulas pela noite espalhadas, eu vos chamo.
Venham também os homens que reuniram
as tribos Guaranis sem corromper sua existência,
os Jesuítas de variada procedência,
que, respeitando a cultura nativa,
enriqueceram-na com a sua.
Do meu peito ardente em chamas,
saíam também os mestres da traição e da inveja.
Saíam portugueses e espanhóis daquele tempo.
Que de todos os que falo, ao menos um aqui esteja.

PADRE ANTÔNIO SEPP- Que vento há nesta noite.

R U Í N A S - Seja bem-vindo, padre Antônio Sepp.

T E R R A - Filho meu, Antônio Sepp,
libertai vossa lembrança.
As ruínas sugeriram
que a palavra certa alcança,
contra aqueles que nos feriram,
a mais rápida vingança.

PADRE ANTÔNIO SEPP- Belas músicas tocando...
Não me apraz falar do sangue
que afogou nossa alegria.
Ouvi! Estais ouvindo a melodia!
Quem poderia ser violento
consigo mesmo ou com os outros,
se dentro em si trouxesse tão sublime harmonia.

Sim, eu vos falo e faço gosto,
mas dos Guaranis dos meus dias.
A morte veio depois, quando eu já não existia.
Que vos fale dela seus autores,
pois eles fizeram dela seu cotidiano guia.
Mas quando eles vierem, tentai compreendê-los,
pois a morte é sempre grata hospedeira
nos frios compartimentos de uma vida vazia.





Deixai seus olhos correrem
 pelo que agora é ruína.
 Vêde que ainda há beleza
 mesmo depois da chacina.
 Libertai vossos olhares
 da realidade insuficiente que está aqui.
 Vamos reconstruir os lares
 dos musicais Guaranis.
 Deixai-me conduzir os vossos olhos
 e enriquecer vossas visões
 com a ofuscante São Miguel,
 centro das nossas Missões.

Caminhemos pelas ruas
 sem o menor constrangimento.
 Estais ouvindo esta música?
 Pois cá foi feito o instrumento.
 Os Guaranis os fazem todos:
 violoncelos, violinos, violas,
 órgãos, flautas, que mais vos direi
 Ah, até uma espécie de harpa
 que eu próprio inventei.
 E agora ouçam o coral dos meninos...
 Se eu ainda vivesse diria que eram divinos.

Mas vamos deixá-los e seguir pela cidade.
 Podemos andar sob estes tetos
 sem apanhar sereno.
 Estes avarandados cobrem todas as ruas,
 de dia nos fazem sombra
 e nos protegem da chuva.
 Andemos por aqui todos,
 o lugar não é pequeno.

Ali está a escola,
 e os meninos aprendendo a ler e a escrever,
 enquanto as meninas educam o bordar e o tecer.
 E são tão hábeis nisso tudo,
 progridem tanto no estudo,
 que em breve nos fazem alunos.

Ah, ouçam novamente os cantores,
 estão afinando a voz: Barítonos, baixos, tenores.
 E os contraltos, e os sopranos.
 Iguais ou melhores que os germânicos,
 e não são nem arianos.



Olhem sô, eles agora estão dançando.
Mas vamos continuando.
Ali está a padaria, e a escola de instrumentos.
Mais lá em baixo a olaria.
Ao construir encaixamos os tijolos,
não usamos cimentos.
Lá o moinho, aqui a oficina dos escultores.
Quase pegada a ela está o atelier dos pintores.
Ao longe está o matadouro, onde lidam carneadores.
Esse barulho nos vem do trabalho dos ferreiros.
Mas, no meio desse ruído, notai que há sempre uma música.
Ela está sempre conosco, no trabalho, nas festas,
e em nossas preces litúrgicas.

A natureza musical dos Guaranis
é pouco propensa aos crimes de roubo ou assassinato.
Quando raramente um fato assim acontece,
reunimos um conselho de índios que tudo logo esclarece.
O próprio governo é um conselho de índios quem exerce,
do qual também fazemos parte. A esse governo se obedece.
As idéias políticas, com suas variantes individuais,
tomam vários coloridos,
e somam-se num sô conjunto,
em suma, não há partidos.

O diabo deve detestar esse lugar.
Se eu estivesse vivo, diria:
aqui não existe nem sequer burocracia.

O que os torna assim tão hábeis,
e lhes traz tanta harmonia,
é um instinto incomparável de vida e de companhia.
O trabalho já é um fim:
realiza-se em si próprio,
isso transforma o trabalho
em sempre nova poesia.

São Miguel crescia tanto,
quase a perder de vista,
que decidimos fundar outra
redução nas cercanias.
Partimos. Junto comigo
os primogênitos de quase
oitocentas famílias.
Depois de um ano de lutas
estava pronta a cidade de São João Batista...



CATEDRAL - A redução de São João Batista foi estabelecida em 1700. O tempo prosseguia, acrescentando-se a importância aos povos Guaranis, dos quais a Companhia de Jesus se orgulhava de ser apenas pastora, fundindo sua cultura artística e política com a habilidade dos Índios que se deslumbravam com os frutos de sua união. Mais Índios vinham agregar-se às comunidades dos Sete Povos. Eles cresciam. Em 1720 fora fundada a última das sete reduções, a de São Luiz Gonzaga, que veio unir-se às seis outras: São Nicolau, São Borja, São Lourenço, São João Batista, Santo Ângelo e a capital, São Miguel.

Em 1735, no esplendor dos Sete Povos...

TERRA - Catedral, desculpai-me a interrupção, mas há um cavalheiro insistente, dentro de mim inquieto, e ansioso prã falar aos estranhos assistentes.

CATEDRAL - Ora, pois não. Que se apresente o cavalheiro.

TERRA - É o senhor Giovani Primoli, o arquiteto que vos edificou.

CATEDRAL - Senhor Giovani...

GIOVANI PRIMOLI - Sim, sim. Vamos logo com isso. É preciso que todos saibam como era esta minha obra prima, hoje quase toda destruída. Dez anos de trabalho contínuo. E sempre junto comigo, dispostos e tão bonitos com operários Índios. Ora, senhores, ouçam menos minhas palavras e olhem mais esta rainha. Suas linhas ondulantes, dramáticas ou verticais obedecem ao ritmo de mística ladainha.

Estão vendo as paredes? Parecem coladas por forte adesivo. Pois então agora eu digo, não há uma gota de cal ou cimento entre estes tijolos maciços. Eles são de tal forma talhados, que a saliência de um se ajusta à depressão do vizinho.

Dez anos neste trabalho, mas fazia gosto assistir à lenta explosão de pedra do



nosso sacrifício.

Em 1743, estava concluído o início.

Passaram-se mais dois anos, de lenta ornamentação.

Na torre maior, à direita, um galo de estanho dourado encimava o campanário, onde cantavam muitos sinos. Ao passo que a torre da esquerda, com seu observatório astronômico, bisbilotava as estrelas

O relógio da grande torre, que corretamente media o tempo, foi arrastado por ele, depois de muito vento.

E como era bela por dentro...

Sobre isso, melhor pode falar o artista Giusepe Brasanelli.

Hein, Giusepe, venha contar aos estrangeiros a história de suas esculturas.

GIUSEPE BRASANELLI - Não, não, amigo Giovanni. O que eu tinha a dizer já foi dito: quem quiser saber, que aprenda a ouvir com os olhos o que disseram minhas mãos. E ouçam também a melodia das formas alinhadas pelos índios. Eu silêncio. Que cantem vossos sentidos.

CATEDRAL - Em 1750, as cortes de Portugal e Espanha reuniram-se em sigilo na cidade de Madrid

EMISSÁRIO - "No dia 13 de janeiro de 1750, os reis de Espanha e Portugal executaram a seguinte transação: a colônia de Sacramento, situada ao sul da colônia de São Pedro do Rio Grande será entregue aos espanhóis, em troca dos Sete Povos das Missões, localizados a leste do Rio Uruguai, devendo os habitantes destes povos, índios e missionários, tomar apenas seus bens móveis e semoventes, e emigrar o outro lado do rio, na direção do ocidente.

CATEDRAL - O Tratado de Madrid varreu a Nação dos Guaranis como um vento gelado. Os índios não acreditavam que o mesmo Espanha, que sete anos antes lhes havia reco-



nhecido o papel de servidores fiéis, entregara diplomas e condecorações, amigo, estivesse agora manipulando suas terras sem a mínima consideração que haviam construído.

Os jesuítas, por sua vez, tentaram evitar a guerra pressentida. Com palavras tentaram inutilmente abrandar a revolta dos oprimidos e atenuar a pressa dos colonialistas.

J E S U Í T A - Senhor Marquês de Valdelírios, responsável pela execução desse tratado, devo confessar-vos, com humildade meu espanto.

MARQUÊS DE VALDELÍRIOS - Vossa Benção, padre. E que Deus abençoe o Rei da Espanha, enquanto eu estiver ao lado dele. Com que então estais espantado... Com o Tratado de Madrid?... Ha, ha... Devo crer que vossa vivência com Nosso Senhor Jesus Cristo não vos deixa tempo o bastante para vos ter educado nas artes da nossa sinuosa política...

J E S U Í T A - Nestas artes, senhor Marquês, devo me crer atrasado, pois me escapa à compreensão as razões desse tratado. Nossas missões só têm legado, à coroa espanhola, riquezas, orgulho e trabalho. Os Índios têm sido amigos, e mesmo fiéis vassalos, lutando como soldados nas guerras que vós, espanhóis, criais com vossas palavras. Os Sete Povos têm espantado a todos que os visitam e estudam, foram na França exaltados por Voltaire e Montesquieu. Têm sido um terreno fecundo onde florescem mais belas as plantas da arte e da vida. E por quê trocá-los, senhor, pela colônia de Sacramento, lusitana há tanto tempo

... e o novo esplendor?

MARQUÊS DE VALDELÍRIOS - Logo vejo que há exagero
no elogio aos vossos Índios.
Os jesuítas confundem ruídos e gritos,
com música e poesia.
Para exercer o poder, é preciso picardia.
Então não sabeis que os portugueses
têm feito do roubo a indústria
que lhes dá mais rendimentos,
contrabandeando riquezas
pela colônia de Sacramento?

J E S U Í T A - Nesse caso, senhor,
conscientes do que eles fazem,
não podem os espanhóis
evitar a ladroagem?

MARQUÊS DE VALDELÍRIOS - Aqui vos falta, caro padre,
a malícia necessária.
Pense um pouco, nas antes,
deixai-me fazer uma observação:
devo prevenir-vos do perigo
que fazem certas companhias...

J E S U Í T A - Perdão, Marquês de Valdelírios,
mais uma vez eu falho em decifrar o vosso enigma.
Não sei de qual companhia
tem assim me ameaçado.

MARQUÊS DE VALDELÍRIOS - A companhia poética,
caro irmão jesuíta,
de um cavalheiro antigo,
jovem, de origem semita,

J E S U Í T A - Palais de Cristo...

MARQUÊS DE VALDELÍRIOS - É evidente que sim.
Vós me pareceis tão ingênuo quanto ele.
E vos previno: sendo assim,
cuidado, irmão jesuíta,
podeis ter o mesmo fim.

J E S U Í T A - (prá si mesmo) Que espada cruel de palavras.
Com a vossa permissão,
voltemos àquele assunto.

A Baía do Prata e o ponto final de três rios
e inicial de mil conquistas.
De norte a sul
convem por nós.

...
MARQUÊS DE VALDELÍRIOS - E... deixemos de rodeios...
se os portugueses hoje
fazem fortuna em Sacramento,
mudando a colônia de dono,
mudam de cofre os proventos!



J E S U Í T A - Vossas palavras me fazem
duvidar do meu entendimento.
Quereis dizer que o contrabando
continuará a ser feito,
e desta vez por espanhóis,
roubando colônias portuguesas?

MARQUÊS DE VALDELÍRIOS - Cuidado, irmão, cuidado
que há muito perigo em deixar
assim tão claras verdades discretas.
Certas atitudes são melhor
sucedidas, quando não explicadas,
principalmente em política.
A visão crítica, o esclarecimento,
causam à execução do poder
muito aborrecimento.

J E S U Í T A - Eu já compreendi muito bem,
senhor Marquês de Valdelírios,
a sutileza dos vossos desígnios.
Venho, no entanto, em nome da minha irmandade,
pedir-vos mais algum tempo,
a fim de processar a mudança.
São mais de trinta mil índios,
apegados à sua querência há 130 anos.
É preciso convencê-los de que devem deslocar-se.
Além do mais é preciso
trabalhar a nova terra,
construir as moradias,
isso tudo leva tempo.
O prazo determinado
para que tudo isso aconteça,
não chega a inteirar um ano.
Pedimos, portanto, paciência,
e o tempo de mais três anos.

MARQUÊS DE VALDELÍRIOS - Admito que seja assim
difícil a transferência,
aumentarei o dito prazo.
No entanto... três anos é muito tempo.



Vós sabeis mais do que eu
que, pela Sagrada Escritura,
o Bom Deus fez esse mundo
em apenas seis dias...

Sendo vós companheiro de Cristo,
algumas orações apressarão a transferência.
Prorrogarei o tal prazo,
e vos darei mais seis dias,
a fim de colaborar
com a Divina Providência...

- T E R R A - Os Guaranis não admitiram o Tratado de Madrid.
- C A T E D R A L - Portugal e Espanha enviaram para combater os rebeldes, demarcadores de terra, armados por um exército com soldados dos dois países.
- T E R R A - Em 1754 chegavam eles à cochilha de Santa Tecla. No comando dos portugueses estava o general Gomes Freire de Andrade. Os espanhóis eram liderados por José Joaquim Viana, governador de Montevidéu.
- JOSÉ JOAQUIM VIANA- São belas estas paragens...
Não me agrada saber que vamos trocá-las pela Colônia de Sacramento.
- COMES FREIRE DE ANDRADE - Bem, senhor Joaquim Viana, devo considerar sua falta de motivação responsável pela nossa ineficiência na luta. Com canhões e artilharia temos conseguido bem menos do que esse bando de selvagens armados de lanças e flechas.
- JOSÉ JOAQUIM VIANA- O senhor está subestimando o poder do nosso adversário. Esquece que os nossos soldados lutam mais pelo salário, ao passo que os Guaranis defendem seus territórios. Conhecem bem o terreno, sabem onde atocaiar-se, preparam boas armadilhas. Além de tudo são mestres na técnica das guerrilhas.



GOMES FREIRE DE ANDRADE - São bárbaros, no pior sentido.
Queimam os seus povoados
quando os crêem perdidos.
Lutam como feras feridas,
cavalgando sempre aos berros,
sem pudor, quase despídos...

JOSÉ JOAQUIM VIANA- Ora, general Gomes Freire de Andrade,
estamos em plena guerra,
ensopados de sangue até os olhos,
e o senhor fala em pudor
com tanta dignidade!

GOMES FREIRE DE ANDRADE - Pois preservo minhas virtudes,
senhor Joaquim Viana,
tanto nas batalhas de campo,
quanto naquelas de cama...

JOSÉ JOAQUIM VIANA- Bravo, Freire de Andrade...
Já basta tanto cinismo...
Sejamos ao menos honestos
dentro da nossa maldade.

GOMES FREIRE DE ANDRADE - Se quer chamar assim...
Não esqueça, todavia,
a nossa cumplicidade.

C A T E D R A L - A luta prosseguia, favorecendo muitas vezes os
Guaranis, que estavam solidamente unidos sob a
chefia do índio Sepé Tiarajú.

SEPÉ TIARAJU - Companheiros!
Temos freado o inimigo.
É preciso continuar lutando sempre,
unidos, defendendo nossa querência,
e acima de tudo a nossa vida independente!
O pelotão de lanças está pronto.

Í N D I O S - Impaciente e firme para qualquer batalha.

SEPÉ TIARAJU - Então, avancemos nesta trilha!
Viva a Nação dos Guaranis!

Í N D I O S - Viva! E viva o nosso líder Sepé Tiarajú!
Viva!



SEPÉ TIARAJU

- Há um bem maior a ser louvado.
 Algo que vencerá mesmo que percamos a batalha.
 Terra que circula em nossos corpos,
 é teu o nosso trabalho.
 Ventos claros, rios prateados,
 independência natural,
 esposa comum, Liberdade,
 é por ti a nossa luta,
 e toda nossa lealdade!

ÍNDIOS

- Em nome desta Terra,
 fora com a tirania dos colonizadores!

TODOS

- Fora!

SEPÉ TIARAJU

- Abaixo a opressão! Viva a Liberdade!

ÍNDIO

- Companheiro Sepé
 vem de lá, novamente,
 um soldado português,
 bandeira branca hasteada,
 em nome do seu general
 pedindo para falar-lhe.

EMISSÁRIO

- Venho em nome do General
 Gomes Freire de Andrade.
 Ele quer vos conceder uma conversa amigável.

SEPÉ TIARAJU

- Gostam muito de palavras,
 estes nossos invasores.
 Se delas fizessem bom uso
 não seriam traidores.

EMISSÁRIO

- Meu general lhe garante
 toda a segurança possível.
 E lhes entrega dez soldados,
 como reféns até sua volta.

SEPÉ TIARAJU

- Já sei, já sei.
 É a vigésima vez que me vens esta semana.
 Desta vez eu aceito,
 vamos ao teu General.



GOMES FREIRE DE ANDRADE - Ora, ora, então é esse o grande líder.
Tão jovem e assim despojado de deuses.
Não usa sequer camisa o pobre bárbaro.

SEPÊ TIARAJU - Tu me chamaste aqui, general de mercenários.
Invadiram nossas terras,
tens assassinado nossos irmãos.
És um intruso, mais do que eu és um bárbaro.

GOMES FREIRE DE ANDRADE - Indígena insolente...
Mas... calma...
Sepê Tiaraju, eu te perdoo...
Anda, apeia do teu cavalo.
Podes beijar minha mão fidalga,
agradece por minha piedade
em nome do Rei de Portugal,
verdadeiro dono destas terras.

SEPÊ TIARAJU - Esta terra já tem dono!
Deus e São Miguel a entregaram
aos animais que a tem povoado.
Portanto, general assalariado,
ajoelha-te tu e beija os cascos do meu cavalo.

T E R R A - As batalhas continuavam,
a cada dia mais flores de sangue em meus campos bro-
tavam.

R U Í N A S - No dia sete de fevereiro de 1756, uma divisão hispano
lusitana - chefiada pelo governador espanhol de Montevidéu,
José Joaquim Viana, defrontou-se com
Sepê Tiaraju e alguns outros índios.

JOSÉ JOAQUIM VIANA- Soldados! Lá está o índio Sepê.
Contra ele.
Morto o líder, o adversário esmorece.

SEPÊ TIARAJU - Lá frente sempre, companheiros!
Lutemos em nome desta terra, e da nossa liberdade!
Fora com os invasores colonialistas!

R U Í N A S - Um soldado português atingiu Sepê Tiaraju,
cravando-lhe uma lança nas costas.

-
- SEPÉ TIARAJU - Ah... Deixem-me, eu me recupero. Nicolau Languiru assume o meu posto... Vão embora, deixem-me...
- JOSÉ JOAQUIM VIANA- Cacique Sepé Tiaraju, ainda está vivo?
- SEPÉ TIARAJU - Nunca... Sempre...
- JOSÉ JOAQUIM VIANA- Está delirando.
- SEPÉ TIARAJU - Fora daqui... destruidores assassinos...
- JOSÉ JOAQUIM VIANA- Sepé Tiarajú! Eu sou seu inimigo José Joaquim Viana, antes de morrer, ouça-me...
- SEPÉ TIARAJU - Morrer... Impossível... Eu quero viver...
- JOSÉ JOAQUIM VIANA- Ouça-me!. Preciso falar-lhe. Eu me senti honrado por ter alguém tão bravo como inimigo. Preciso matá-lo agora.
- SEPÉ TIARAJU - Sórdido... fora daqui, maldade cínica... assassinos... eu quero viver...
- JOSÉ JOAQUIM VIANA- Você não pode viver, não posso deixá-lo vivo.
A lança que o tem cravado é portuguesa.
Aqui vai um tiro da Espanha.
- R U Í N A S - Foi assassinado Sepé Tiaraju.
- T E R R A - Três dias depois travou-se a mais cruel batalha daquela guerra. Mil e duzentos guaranis foram massacrados na batalha de Caibaté. Na luta morreu também Nicolau Languiru, líder como fora Sepé.
- C A T E D R A L - Iniciava-se assim a destruição da Nação dos Guaranis.
- T E R R A - Basta! Não é preciso mais de palavras. Os estranhos que vos olhem, catedral de vento. É eloqüente o bastante a imagem da vossa ruína.
- ...





R U Í N A S

- As estrelas continuam no céu, quer se
Assim continuará a luta do cacique de São Miguel e
de seus irmãos assassinados. Enquanto sobreviver o
desejo infinito de ser livre, de lutar contra a opressão,
hã de se ouvir dia a dia o grito do índio Sepé.

SEPÉ TIARAJU

- Terra que circula em nossos corpos,
é teu o nosso trabalho.
Ventos claros, rios prateados,
independência natural,
esposa comum, Liberdade,
é por tí a nossa luta,
e toda nossa lealdade.